

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

76)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(OUTUBRO 13, 1838)



MALTA.

MALTA. — DOMINIO DA ORDEM DE S. JOÃO. —
D. ANTONIO MANUEL DE VILHENA,
64.º GRÃO-MESTRE DA ORDEM.

HOMERO, na *Odysea*, dá a Malta o nome de *Hyperia*: era então povoada de pheacos, raça gigante, segundo as tradições fabulosas dos gregos. Vieram a *Hyperia* os phenicios no anno 1519 antes de J. C. Conhecendo quanto a situação da ilha era importante para o seu commercio, appossaram-se della, e fundaram uma colonia que se augmentou e prosperou grandemente. Estendendo-se a industria e o commercio dos gregos para a banda de Sicilia e de Italia, estes lançaram fóra de *Hyperia* os phenicios, no anno 736 antes de J. C.; e pozeram á ilha o nome de *Mélita*.

Passados dois seculos os carthaginezes vieram disputar aos gregos a posse de *Mélita*. Ficou esta por algum tempo dividida entre os dois povos; mas por fim os gregos tiveram que ceder aos novos invasores. As riquezas de Carthago affluiram á ilha; mas logo na primeira guerra punica, os romanos a saquearam; e passados tempos fizeram de novo edificar ou reparar a sua povoação. Quando se dividiu o imperio romano, Malta coube a Constancio. Depois vieram os vandalos, e apóz elles os godos, que successivamente se assenhorearam della. Debaixo da oppressão destes barbaros o commercio da ilha se anniquilou. Os arabes, os normandos, os alemães, e os francezes invadiram, uns depois d'outros, este vasto rochedo lançado no meio do mar. Emfim os hespanhoes toma-

ram posse delle, e firmaram ahí'o seu dominio. Carlos 5.º viu as vantagens da ilha de Malta a luz diferente daquella a que a tinham visto os seus predecesores. Reinar no Mediterraneo; defender, por uma parte, as costas da Sicilia, ameaçar, por outra, as de Africa, e interromper a seu bel-prazer o commercio nestes mares, eis o que Carlos 5.º teve em mira. Receando, porém, que esta ilha importante fosse alguma vez roubada aos seus successores, os quaes, occupados com o regimento dos outros seus estados, não poderiam talvez dar-lhe os necessarios soccorros, desmembrou-a da corôa, e assentou em po-la nas mãos de uma potencia, que só tractasse de a guardar, e que fosse respeitada por todas as outras. Escolheu por tanto para isso a ordem de S. João de Jerusalem, a quem deu, em 1530, a soberania perpetua de Malta.

Apenas esta ilha foi entregue aos valentes cavalleiros de S. João, tomou logo novo aspecto. Uma cidade regular surgiu em um lugar onde antes só se viam rochedos estereis. A unica fortaleza da ilha, onde apenas havia uma bombardas, ficou artilhada com centenas dellas. Malta brevemente foi tida na conta de uma das praças mais formidaveis de christandade. Vinte e um annos depois dos cavalleiros terem tomado posse della, o celebre corsario Dragut se viu obrigado a dar de mão ao proposito que fizera de a conquistar; e passados mais quinze annos todas as forças ottomanas, capitaneadas pelo imperador Solimão, o vencedor de Rhodes, viram quebrada a sua soberba diante de Malta, que resistiu a todas as suas diligencias, menos pela bondade das suas fortalezas, do que

pelo valor e heroicidade dos defensores. Passaram assim seculos, até que em 1798 Malta se entregou ao exercito francez, e a guarnição desta nação, que ahí dominou dois annos, se rendeu aos inglezes em 1800.

A ilha de Malta, a mais meridional da Europa, tem quasi 20 leguas de circumferencia: fica fronteira á Sicilia do lado do norte; ao reino de Tunes da banda do sul; á ilha de Candia da de leste, e jazem-lhe por oeste os rochedos de Linosa e Lampedusa. Nas costas do lado do sul é toda aparcellada, e tem as ribas em despenhadeiros; mas correndo-se para o norte acham-se muitas enseadas e os dois grandes portos Musset e Marsa. Estão estes dois surgidouros separados por uma lingua de terra, em cuja ponta está assentado o forte Santelmo, que defende a entrada. O castello de Santo Angelo está construido ao pé da barra do porto Marsa; e esta era a unica fortaleza que havia, quando os cavalleiros tomaram posse da ilha.

Contém Malta duas cidades principaes e vinte e duas aldeas ou *casas*. Esta denominação casual, diriva-se de uma palavra arabe, que significa *estação*, e indica o modo por que estas povoações se formaram, isto é, pelo ajunctamento dos lavradores. Ha afóra isto, uma grande multidão de aldeolas de menos vulto. A *cidade velha* conserva ainda entre os naturaes o nome de *Medina*, que lhe pozeram os arabes: os edificios mais notaveis della eram o palacio do grão-mestre e a cathedral. As catacumbas da cidade velha, com razão famosas, são mui extensas, e tem uma grande multidão de corredores, em grande parte alinhados, o que fez lhe chamassem cidade subterranea. Estas catacumbas estão a quinze pés de profundidade, e são abertas na pedra, a qual é branda e porosa, e por isso a agua facilmente a traspassa: mas, por meio de pequenas regueiras se desaguavam d'antes, conservando-se assim saudaveis, para se poder ahí morar, quando os habitantes da cidade se viam por algum caso obrigados a acolherem-se a ellas. A respeito destes subterraneos se conservam muitas tradições na ilha.

Os fundamentos da cidade Valetta foram lançados em 1566: o grão-mestre Lavalette deu a traça della. Tanto que se riscou o sitio das muralhas, os habitantes trabalharam com affinco em as alevantar; porque assim ficavam defendidos, e seguro o seu commercio. Em 1571 estava tudo acabado. A corporação dos cavalleiros, que desde a sua entrada tinha vivido na outra povoação, veio em peso fazer assento na nova cidade. Na edificação desta tinha-se cuidado menos em construir edificios magestosos, do que em defende-la com boas fortificações: ha, todavia, ahí alguns monumentos; e entre outros a igreja de S. João, erecta pelo grão-mestre La Cassière, que encerra grandes preciosidades. Na capella mór se conservava a mão de S. João, reliquia de grande estima, de que o sultão Bajazeto fizera presente ao grão-mestre D'Aubusson, quando a ordem ainda estava em Rhodes. Esta reliquia tinha sido cuidadosamente guardada em Constantinopola, em uma igreja edificada por Justiniano, e respeitada por Mahomet 2.^o, quando conquistou a cidade. Bajazeto receoso, e mal seguro no throno a que subira, e desejando conciliar a amizade de D'Aubusson, que se tinha tornado temivel no reinado do sultão seu antecessor por uma grande victoria ganhada aos infieis, lhe mandou aquella valiosa reliquia.

Malta pode-se considerar dividida em duas partes: uma a leste, outra a oeste da cidade velha: todas as aldeas estão situadas na de leste, maior que a de oeste: esta tem muitos sitios picturecos, mas é escalvada; e o ar pouco sadio, que reina na costa, affastou

d'alli os agricultores. É dessa banda, que jaz a collina *Bengemma* e a gruta chamada de Calypso. A collina *Bengemma* merece a especial attenção dos viajantes: é quasi chaã no cume, e foi assento de uma cidade, de que já nada existe em pé, e de que não faz menção nem sequer um historiador de Malta: mas tudo o que rodea esta collina mostra vizes de que ahí habitaram povos poderosos, e habeis nas artes; tudo induz a crer, que em vez de ser outr'ora, como hoje é, um sitio de más pastagens, estava cuberta de magnificas moradas. A gruta de Calypso, tão celebrada pelos poetas, nada tem hoje que seja digno de se mencionar.

Em toda a extensão da ilha, a terra que cobre os rochedos de que é formada, não tem de grossura mais de um pé, e todavia aquelle solo é fertil: dá quatro novidades no anno e todas abundantes. A necessidade, que é mãe da industria, ensinou os maltezes a formar nas partes escalvadas da ilha uma especie de terrão. Para o fazerem arrazam o topo dos rochedos, dando-lhe um leve pendor para as aguas escorrerem; accumulam ahí pedras quasi reduzidas a pó: deitam-lhe por cima uma camada de terra trazida de outra parte da ilha, ou da que os seculos teem ajunctado nas fendas dos rochedos; tornam a lançar sobre esta terra outra camada de pedras moidas, e depois mais uma camada de estrume, e outra de terra: com o tempo, e com o trabalho dos lavradores, estes terrenos se tornam tão ferteis como os naturaes.

Hoje a antiga importancia europea de Malta se desvaneceu: já ahí se não veem essas embarcações de guerra, que não só protegiam o commercio da ilha, mas tambem o de todas as nações christaãs. No mesmo instante em que se annunciava em Malta a saída de um ou de muitos corsarios dos portos de Berberia, o grão-mestre mandava sair embarcações que os perseguissem: por isso os berberescos não cruzavam por muito tempo os mares; contentavam-se de fazer algumas correrias, e logo se retiravam com as presas para as suas colheitas. O terror das armas maltezas era tal no oriente, que a França tinha tirado disso immensas vantagens para a sua marinha mercante: o medo de ver as suas mercadorias tomadas pelos corsarios maltezes, ou pelos navios da ordem, obrigava os negociantes turcos a cubrir a carga com bandeira amiga de Malta, e por isso se serviam da franceza, por ser esta nação a que mais influencia tinha na ordem. — Hoje, perdendo a sua nacionalidade, Malta perdeu toda a preponderancia, ficando-lhe, apenas, o que ninguem lhe póde tirar, uma posição formidavel, de que tão bem se tem aproveitado a Inglaterra a favor da sua marinha.

Entre os grão-mestres de Malta que mais se distinguiram pelo valor, virtude, e sciencia de governo, tem um dos primeiros logares D. Antonio Manuel de Vilhena, mais conhecido pelo nome de grão-mestre Manuel. Nasceu este homem, tão celebre na Europa, e tão esquecido hoje na sua patria, na cidade de Lisboa, a 28 de Maio de 1663. Foi filho do grande D. Sancho Manuel, conde de Villa-Flor, que salvou a independencia portugueza na batalha do Ameixial, como seu ultimo neto salvou em mais de trinta combates a liberdade desse mesmo paiz, de que seu antigo progenitor fora ornamento e esteio. Terceiro filho daquella casa illustre, D. Antonio Manuel entrou na ordem de S. João de Jerusalem, e muito moço partiu para Malta a servir debaixo das bandeiras daquella illustre ordem. Lá, sendo patrão da galé capitania de uma armada malteza, foi ferido em um combate contra dois navios de Tripoli, que o general Antonio Corrêa de Sousa tomou em 1680. Tendo apenas 21 annos d'idade foi por capitão de um dos navios man-

dados pela ordem á conquista da Moréa, na qual expedição se apoderaram os maltezes de Navarino, Modon, e Napoli de Romania. Successivamente o nomearam major, coronel da milicia de campanha, capitão de uma galé, grão-cruz, commissario dos armamentos e commissario das guerras. Elevado em 1703 ao cargo de grão-chancellor da ordem, e chefe da Lingua de Castella e Portugal; e depois a baio de Acre, e procurador do thesouro, foi eleito em 1722 grão-mestre, por voto unanime dos eleitores; eleição esta de que, no sentir de Vertot, o tornavam dignissimo, a sua nobreza, virtude, e perfeito conhecimento das maximas da ordem.

Apenas sentado no solio, o seu nome soou com grande brado por toda a Europa, pela habilidade, prudencia e valor com que defendeu a ilha de um ataque dos turcos. Accomettido por Abdi-Capitan, que contava com uma revolução dos captivos que havia em Malta na occasião do ataque, não só o repelliu; mas tambem supitou todos os movimentos de revolta. Desassombrado deste risco, com tal politica e valor se houve, que o grão-vizir de Constantinopola lhe mandou propor a troca dos captivos; e ao mesmo tempo um tractado de paz, o qual com effeito se fez com as seguintes condições: Que os escravos aprisionados debaixo da bandeira malteza, ou turca, seriam trocados reciprocamente, e que os demais que houvesse se resgatariam, por cem piastras cada um; que as treguas durariam por vinte annos, sendo excluidas do beneficio deste tractado as potencias berberescas, ás quaes o grão-senhor se obrigava a não dar soccorro, directo ou indirecto, contra Malta; que os maltezes gozariam nos estados turcos dos mesmos privilegios que os francezes; e finalmente que este tractado ficaria de nenhum effeito, logo que entre a Porta e algum principe christão se declarasse guerra. Este tractado, recebido em Constantinopola com grande applauso, não teve effeito por circumstancias, que posteriormente occorreram.

Entretanto as esquadras de Malta, que por ordem do grão-mestre cruzavam o Mediterraneo, voltavam sempre victoriosas dos infieis, ricas de seus despojos, e com grande numero de christãos resgatados, sendo, entre outros combates, celebre o recontro com a armada turca, no qual ficou prisioneiro o vice-almirante inimigo e a sultana Kali-Michemet. Em 1728 mandou D. Antonio Manuel bombardear Tripoli pelos cavalleiros Trans e Aubepoint [1], o que não foi um dos menores feitos do seu glorioso mestrado.

Ainda que Malta estava bastantemente fortificada, o grão-mestre, querendo que a ilha ficasse de todo o

ponto defendida contra qualquer tentativa dos turcos, tractou de a fortalecer ainda mais: para isso construiu um forte, que ainda hoje se chama, do seu nome, *forte Manuel*. É esta uma das melhores fortificações de Malta, e que guarda a entrada do porto de Marsa-Musset de que já acima fallámos, tendo entre outras cousas notaveis uma soberba ponte de um só arco lançada sobre um precipicio, para por alli transitar a artilharia. Esta obra magnifica foi toda feita á custa do grão-mestre, como se vê de uma inscripção latina, que ha sobre a porta da fortaleza.

Augmentava D. Antonio Manuel as forças maritimas da ordem, ao mesmo tempo que dava maior extensão a Valetta, edificando um bairro novo, que se ficou chamando *Burgo Vilhena*, e onde, tambem á sua custa, edificou um hospital de invalidos, e outro para velhos e incuraveis de ambos os sexos.

Tal era a fama do grão-mestre, que o papa Bento 13.^o lhe mandou o estoque e casco bentos, distincção eminente, que a Sé de Roma não concedia senão a principes e personagens que se distinguiam por feitos memoraveis contra os infieis, sendo elle o primeiro grão-mestre que recebeu esta honra [2].

Nunca se esqueceu este grande homem de que era portuguez, honrando sempre o seu paiz e o seu soberano. Tendo-se ajustado pelos annos de 1728 o casamento dos principes do Brasil e das Asturias, enviou a elrei D. João 5.^o uma embaixada em quatro náus de guerra, para o comprimentar por tão faustos desposorios, o que elrei lhe agradeceu com um presente de muitas peças d'artilharia para o seu forte Manuel, que elle acabava de edificar.

Foi D. Antonio Manuel respeitado de todos os soberanos da Europa, e Luiz 14.^o o honrou com particular amizade. Falleceu de uma inflammação de bexiga em 12 de Dezembro de 1736 com 73 annos e meio de idade. Malta lhe é devedora de grande numero de monumentos, e a cada passo se encontram provas da honrada memoria que deixou entre os cavalleiros da ordem e habitantes da ilha. No meio da praça do forte lhe erigiu o commendador Suzo uma estatua, com uma honrosa inscripção gravada no pedestal, a qual não damos aqui, por ha pouco ter sido publicada no Diario do Governo [ainda que com algumas falhas] pelo Sr. Celestino Soares. Na sala de armas do palacio dos grão-mestres, entre as armaduras dos mais celebres destes principes, se ergueu a sua estatua em bronze; e o seu tumulo na igreja de S. João é um mausoleu tão magnifico, que Mr. Avalos o compara ao de Medicis em Florença. Nelle se lê o seguinte epitaphio.

D. O. M.

HIC JACET M. M. FR. D. ANTONIUS MANUEL DE VILHENA
REGIA A' STIRPE ORTUS.

QUI AD SUPREMUM MAGISTERII CULMEN OB VIRTUTEM ERECTUS
MAGIS NATUS, QUAM ELECTUS PRINCEPS VIDEBATUR,
VIX SUSCEPTO IMPERII GUBERNACULO,
ARCEM SUI NOMINIS CONDIDIT.

VERÈ PATER PAUPERUM XENODOCHIA FUNDAVIT,
MIRA MENTIS FORTITUDINE PRÆDITUS,
VEL MAGNA COGITABAT, VEL EXEQUEBATUR.

MEMENTO VIATOR

QUOD UBI GRESSUM IN HIS INSULIS SISTES
PIETATIS EJUS, MUNIFICENTIÆ, SECURITATIS, AMENITATIS,
MONUMENTA IBI INVENIES.

IN ACCERRIMIS ULTIMI MORBI CRUCIATIBUS
SUMMA EJUS RELIGIO ET PATIENTIA EMICUERE.

OBIIT PRIDIE IDUS DECEMBRIS A. MDCCXXXVI,
ÆTATIS SUÆ LXXIII. MAGISTERII VERO XV.

(1) O baio Chambrá, que contribuiu para o esplendor da ordem naquella epocha, escreveu a historia destas campanhas, que existe manuscrita na bibliotheca real de Paris.

(2) Consistia este donativo n'uma espada de prata de cinco pés de comprido, e n'um barrete de velludo cramezim, bordado com uma imagem do Espirito-Sancto, de perolas, hento solemnemente pelo papa. Até D. Ant.^o Manuel só 42 pessoas o tinham recebido.

Quer dizer — A Deus optimo e maximo. — Aqui jaz o grão-mestre D. Fr. Antonio Manuel de Vilhena, descendente de tronco real, o qual elevado á suprema dignidade do mestrado, por causa da sua virtude, mais parecia príncipe por nascimento, do que por eleição. Apenas tomou nas mãos o leme do estado, edificou a fortaleza que delle teve o nome. Verdadeiramente pae de pobres, fundou para elles asylos. Dotado de admiravel vigor de animo, ora traçava grandes cousas, ora as punha por obra. Lembra-te, oh peregrino, que em qualquer logar em que pares nestas ilhas [Malta e Gozzo] ahí acharás monumentos da sua piedade, munificencia, segurança, e brandura. A sua religião e paciencia resplandeceram entre as cruelissimas angustias da ultima doença. Finou-se a dóze de Dezembro de 1736 — no 73.^o anno da sua idade, e decimo quinto do seu mestrado.

Além de seus dotes moraes, politicos e militares, foi D. Antonio Manuel de Vilhena homem de na-

tural ingenho, e de estudos não vulgares. Colhemos isto de uma censura das Memorias da Academia de Historia que diz: “— Nem é de menos peso o juizo que destas memorias faz o grão-mestre da religião de Malta, que como legitimo successor, não só do real sangue do infante D. João Manuel, mas tambem de suas heroicas virtudes, uniu sempre o valor invicto com o estudo das boas letras.” — Achando que as instituições que havia em Malta careciam de ser reformadas, mandou compilar um novo codigo, o qual se veio a concluir no tempo do grão-mestre Rohan, em 1782. A lembrança, emfim, do seu brilhante governo, foi tão duradoura e grata nos animos dos cavalleiros maltezes, que entre elles ficou glorioso o nome lusitano; e por ventura que, ainda alguns annos depois, esta lembrança contribuiu para a eleição de outro portuguez á suprema dignidade, o qual foi o grão-mestre Pinto, 4.^o e ultimo desta nação, de quem os annaes da ordem tambem fazem honrosa menção.



D. FR. ANTONIO MANUEL DE VILHENA.

(Copiado d'uma medalha.)

A ORDEM DA LIGA, GARROTEA, OU JARRETEIRA.

Por todos estes nomes costumamos designar uma das mais antigas e illustres ordens militares de cavallaria, instituida em Inglaterra, pelo rei Eduardo 3.^o — E' controversa a data precisa da sua instituição: uns a poem no anno 1344; querem outros que fosse em 1350: mas todos concordam em que fôra estabelecida em Windsor, depois d'umas justas e torneios. A causa que lhe deu nascimento tambem não é bem conhecida. Não passa inteiramente como fabula a historia vulgar de que em um baile caíra uma liga á condessa de Salisbury, e que o rei a levantara, dizendo para os cortesãos, que por este motivo sorriam: *Honi soit qui mal y pense*; amaldiçoado seja quem

disto pensar mal. Estas palavras são o motto da ordem; e julga-se que por esta occasião se lembrára Eduardo de crear uma ordem de cavallaria, para se desferrar dos palacianos, ennobrecendo uma acção de que elles motejaram. Uma tradição anterior a Henrique 6.^o insinúa que ella fôra instituida em obsequio das senhoras; e o mesmo diz Ashmole, historiador da mesma ordem.

Comtudo esta fundou-se debaixo da protecção da SS. Trindade, da Virgem Maria, de S. Jorge, e de S. Eduardo confessor: vindo porém a ser S. Jorge o Sancto tutelar da Inglaterra, ficou tambem sendo o patrono especial da Garrotea, ou Jarreteira.

Compoz-se originariamente de 25 cavalleiros, afóra o soberano, que nomeava todos os outros: nume-

ro que até o reinado de Jorge 3.^o não foi alterado. De então para cá tem havido supranumerarios, que são, ou príncipes da familia real, ou estrangeiros illustres merecedores desta distincção. Os extra-numerarios em 1834 eram quatorze. Tambem são considerados como adjunctos á ordem os cavalleiros militares de Windsor. O prelado é sempre o bispo de Winchester; e o chancellor era até 1837 o bispo de Salisbury, mas passou a dignidade para o de Oxford, em razão da annexação de Windsor á sua diocese. O cabido reune-se annualmente no dia de S. Jorge [23 d'Abril] na capella real da invocação deste Sancto, em Windsor; [*] onde se celebram as installações dos cavalleiros, e estão penduradas as bandeiras destes. O primitivo vestuario dos cavalleiros da Garterea era um manto, uma tunica, e um capuz, ou capello, á moda do tempo, tudo de cor azul: usando o monarcha a guarnição de pelles d'arminho. Tudo era recamado de ligas de ouro e azul, tendo o manto sobre o hombro esquerdo uma maior que as outras. Este traje soffreu alterações com o tempo: Henrique 3.^o o reformou, assim como os estatutos, e deu aos cavalleiros o collar, de que usam. A ultima modificação de vestuario teve logar no reinado de Carlos 2.^o; e ficou então consistindo n'um manto de veludo azul-escuro, com o capello de veludo carmesim, o barrete ou chapeu guarnecido d'uma pena d'abestruz, as meias de seda branca, e a liga, que é de veludo azul-escuro com o motto bordado em letras d'ouro, trazida por baixo do joelho esquerdo. A venera é uma medalha d'ouro representando S. Jorge e o dragão, suspensa n'uma fita azul.

Antigamente as Senhoras eram participantes das honras da ordem. A rainha, algumas das esposas dos cavalleiros, e outras damas nobres da cõrte, tinham vestidos e capuzes doados pelo soberano com pequenas jarreteiras bordadas. A insignia da ordem tambem ás vezes lhes era concedida, então chamavam-se expressamente *Damas da confraternidade de S. Jorge*. Froissart menciona o fausto com que se apresentou a rainha Filippa na primeira festa solemne que os cavalleiros celebraram. Ainda existem em Inglaterra dois monumentos historicos que comprovam o terem sido as senhoras admittidas ás regalias e honras da jarreteira. A este e a outros respeitoes consulte-se Ashmole na *History of the order of the Garter*. fol. Londres 1672.

Que lucro tira o mentiroso de suas mentiras? — Não se lhe dar credito as raras vezes em que falla a verdade.

O PRATO DE ESMERALDA.

GUARDAVA-SE antigamente na cathedral de Genova um prato de esmeralda que passava por uma das cousas mais maravilhosas do mundo: o seu diametro era de quatorze pollegadas e meia, e a sua altura de quasi cinco. Estava guardado a muitas chaves, depositada cada uma dellas em differentes mãos, e a ninguem se mostrava, sem especial permissão do senado. Não era de admirar houvesse estas extraordinarias cautelas visto que, além do immenso valor de tão amplo vaso, feito de uma só esmeralda, era ainda mais valioso por ter pertencido á famosa rainha de Sabbá, que delle fez presente ao rei Salomão, o que lhe dava grande preço. Mas ainda isto era nada; porque tambem concorria nelle a circumstancia de ter servido para apresentar o cordeiro paschal ao Salvador, na vespera da Paixão. Todas estas *veridicas* tradições

contavam aos curiosos os credulos depositarios de tão inestimavel thesouro. Passou por Genova, em 1755, o celebre viajante La Condamine, e por mal de peccados mostraram-lhe os Genovezes aquella preciosidade. Infelizmente para a republica e para a cathedral elle era entendedor, e brevemente descobriu que a espantosa esmeralda não passava de um vidro coradão! Se esta *rarissima* reliquia tinha ou não pertencido a Salomão é cousa que ainda se não pôde averiguar: mas o que não padece a menor duvida é que os genovezes que havia alguns seculos tinham dado por ella uma avultadissima quantia de dinheiro, não eram nenhuns Salomões.

REVISTA LITTERARIA. — *Periodico de Litteratura, Philosophia, Viagens, Sciencias e Bellas Artes, publicado no Porto.*

É ESTE Periodico uma transformação da *Revista Estrangeira*, que naquella cidade se publicou por dois annos. Feliz foi a idéa de semelhante mudança. Não que a Revista Estrangeira fosse publicação de pouco momento; antes, pelo contrario, materias gravissimas ahi se tractaram magistralmente: mas era isto mesmo que obstava á sua vulgarisação. De muito tempo tem necessidade em Portugal o redactor de qualquer periodico litterario para que a missão de que se encarregou não saia baldada. Para ser util um periodico é preciso que seja lido; para ser lido é preciso que delecte; e para delectar, é preciso que por elle derramado se encontre o util com o agradavel: e se das duas cousas algumas deve ser em maior quantidade, entendemos que será o agradavel. Ministramos nós hoje alimento a estomagos mui debilitados por diuturno jejum; e se lh'o offerecermos mui substancial fa-los-hemos emjoar. Homens ha que só queriam ver periodicos carregados de erudições e sciencias. São os taes uns aristocratas orgulhosissimos da antiga republica das letrass, que ainda não sabem, ou não querem saber, que este seculo considera a illustração, como Jesu-Christo considerou a moral, como uma herança não de seũtas de escholas, ou de individuos, mas sim do genero humano. Não acabam elles de crer, que a sua republicasinha, tão só, tão grave, tão soberba, morreu, mirrou-se, e sumiu-se na republica civil; que hoje foram convocados todos os homens para o progresso intellectual; e que por isso é necessario que os periodicos instructivos offereçam materia de leitura para todas as classes e individuos; que sejam uma imagem da sociedade, ou, para melhor dizermos, um espelho, onde ella se reflecta. Isto se entendeu em França, em Inglaterra, e na Alemanha, onde já bem poucos jornaes litterarios conservam a inabalavel severidade e carrancudo aspecto do *Journal des Sçavans*, do antigo *Monthly Review*, ou das *Acta Eruditorum* de Leipzig. Nem se creia por isto que nas diversas Revistas que hoje se publicam pela Europa deixe de haver artigos profundissimos, e taes, como talvez se não encontrem nessas velhas publicações aristocraticas, por via de regra pesadissimas de latim, de grego, de arabe, e de hebraico, e mui leves de bom gosto, e de philosophia.

A Revista Litteraria do Porto é o primeiro periodico litterario que apparece em Portugal, trajado á moda do seu tempo, e que para todos os entendimentos offerece pasto conveniente. Distingue-se dos jornaes populares, em serem estes o *contraposto* dos antigos periodicos scientificos e litterarios, e ella um *composto* de uns e de outros. São os periodicos populares a expressão do movimento de reacção do tempo actual contra o espirito exclusivo dos seculos passados:

(*) Veja-se a vista, e a descripção desta capella no Panorama N.º 52.

as revistas, porém, são a expressão do futuro, que combinará uma tendencia com outra, porque tal é a marcha constante do espirito humano. — Os periodicos populares depois de terem cumprido com sua missão, ou deixarão de existir, ou se converterão em revistas, quando, para as comprehenderem inteiramente, estiverem mais desbastados e polidos os entendimentos communs. Não prophetisamos; mas applicamos ao nosso paiz o que vemos ir succedendo nos outros, que vão adiante de nós na estrada da civilização.

Bom serviço, pois, fizeram os redactores da *Revista Litteraria do Porto*, com a sua publicação. Muito poderíamos dizer, e geralmente em bem, se quizessemos fallar em especial de cada um de seus artigos. Mas longo e desarrasoado fora estar em um artigo examinando artigos de outro periodico. Só dizemos que muito aproveitará o seu tempo, quem der algumas horas á lição deste interessante e bem redigido jornal.

VINGANÇA D'UM MARIDO.

Poucos reis ha na historia da Hungria, mais celebres do que André II, filho de Bela II. Os seus eminentes dotes d'alma, a sua pericia na guerra, seriam fracos fundamentos dos elogios que os húngaros constantemente lhe tributam, se elles lhe não fossem devedores de grandes e singulares privilegios.

A fama de valoroso que André tinha cobrado, fez com que o escolhessem para capitão da famosa cruzada que no anno de 1216 partiu para a Terra Sancta, e o poz á frente de consideravel numero de soberanos de todas as nações da Europa. Mas em quanto elle andava por terras de sarracenos dando brilhantes provas do seu zelo contra os infieis, no sangue de sua propria mulher lavava um marido, atrocemente ultrajado, o aggravado que lhe haviam ousado fazer.

Tinha André encarregado o governo de seus estados a Baneban, palatino do reino, e homem de cujo zelo e capacidade elrei muito fiava. Este fidalgo era casado com uma mulher tão estimavel pela sua formosura como pela sua virtude, a qual sempre andava em companhia da rainha, para a confortar na ausencia de elrei seu esposo. O conde de Moravia, irmão da rainha, veio nesta conjunctura á corte d'Hungria, para cumprir aquelles deveres que lhe impunha a intima amizade que reinava entre elle e sua irmã. Não pôde o principe ver a mulher do palatino sem ficar louco de amores, nem sentir paixão tão violenta sem que lh'a revelasse. O desprezo e indignação com que a condega tractou o principe, quando este lhe abriu o peito, lhe demonstraram que elle só da violencia se poderia valer para satisfazer seus desenfreados e firmes desejos. A rainha teve a condescendencia ou antes a baixeza, de cooperar para uma acção tão vil, conduzindo a mulher do palatino para um logar escuro, com o pretexto de ter de lhe fallar só por só, e deixando-a alli encerrada para ser victima da perversidade de seu irmão.

A dor excessiva desta virtuosa dama lhe não consentiu que occultasse a seu marido a affronta que ambos elles acabavam de soffrer; e nem ao menos dissimulou o que pensava quanto ao ter a rainha concorrido para a sua desgraça e vergonha. O palatino, pungido do cruel espinho da deshonra, entendeu que devia tomar disto vingança illimitada, e para que lhe não falhasse, fingiu-se socegado e alegre. Era seu intento sacrificar o foubador da sua honra, porém este principe tão timorato como arrebatado, já se tinha ido a toda a pressa para os seus estados. Baneban, a quem não ficava outra victima para saciar a sua vin-

gança senão a rainha, não hesitou em vingar-se na cúmplice do crime. Pediu-lhe uma audiencia particular, allegando ter de lhe communicar o conteúdo de cartas que acabava de receber d'elrei seu marido, e assim que se viu só com ella, exprobrou-lhe com as expressões mais duras a traição que ella tinha feito a sua mulher, e a trama infame urdida por ella e pelo principe, e sem attender ás suas vaãs desculpas, nem se condoer de suas lagrimas, enterrou-lhe um punhal no peito. Depois de a ter morto, o altivo palatino, appareceu em publico, e fez patente á corte o seu opprobrio e vingança.

Todos lhe approvaram o seu justo ressentimento, e como ninguem se oppozesse ao intento que formára de submeter a acção que practicára, e a sua pessoa ao juizo d'elrei, se foi para Constantinopla, onde a esse tempo se achava este principe, o qual como era dotado d'uma rectidão, e d'um inviolavel amor da justiça que o distinguia de quasi todos os outros reis, lhe outorgou o perdão, e de novo o encarregou do logar de regente de Hungria, que até então havia desempenhado com integridade pouco commum. — Foi este facto que o padre Theodoro d'Almeida introduziu, como um episodio, no seu *Feliz Independente*.

COMILÃO PRODIGIOSO.

No ANNO de 1757 publicou-se em Wittenberg um opusculo em latim com o titulo *Dissertação acerca do prodigioso comilão de Wittenberg*. Esta dissertação, hoje esquecida, contém a historia do mais desmarcado comilão que tem apparecido no mundo. Ahi se refere que elle devorou de uma vez um carneiro, de outra um porco, e por sobremesa em um jantar dois ou tres alqueires de cerejas, com caroços e tudo. Substancias difficilissimas ou antes impossiveis de digerir para outras pessoas, engolia-as elle e digerias com summa facilidade: nesta conta entrava louça, e conchas, que elle quebrava em bocados, mastigava, e engolia sem custo. — Animaes e insectos vivos, como passaros, ratos, persevejos &c., eram comida corrente para elle: mas o que parece sobrepujar a fé humana é o que affirma o livro citado, de elle, uma vez, mastigar e engolir uma escrevaninha com a tinta, a arêa, e tudo o mais que nella se continha. Este facto é tão espantoso, que se não fosse attestado com juramento, perante o senado de Wittenberg, por sete testemunhas de vista, a custo se poderia admittir a sua credibilidade.

Este individuo extraordinario tinha uma disposição extremamente alentada e robusta. Continuou a fazer estas e outras gracinhas até a idade de 60 annos; e dahi por diante começou a ter uma vida mais regular até os 80 annos, em que morreu.

O seu cadaver foi aberto pelo auctor da dissertação, G. R. Bochmer, que notou muitas circumstancias na dissecção, pelas quaes se mostra a possibilidade dos factos acima mencionados.

O livro, que citamos, é em fórma de 4.^o e o seu titulo — *De Polyphago et Allobriophago Wittenbergensi Dissertatio*.

O OURO DOS PINHEIROS.

Tradieção brasileira.

I

HA EM todos os povos certos modos de dizer, certos ritos e annexins, que ou são fundados em alguma observação moral, em alguma circumstancia local, ou derivam de acontecimentos remotos, cujas particulari-

dades absorveu o tempo. Sendo desconhecida a sua origem, não deixam de ser citados quotidianamente por uma especie de habito popular; e só um raro acaso póde manifestar os incidentes que os motivaram.

Na provincia de S. Paulo, e ainda n'outras partes do imperio do Brazil, diz-se ordinariamente d'um homem que enriqueceu de subito, sem meios ostensivos "*P. achou o ouro dos Pinheiros*"; de outro, que intenta uma empresa difficil "*Aquelle anda em busca do ouro dos Pinheiros*:" e assim em muitos e differentes casos. Todos repetiam o proverbio sem atinarem com a origem delle, até que a sua historia foi descuberta, ha poucos annos, em um manuscripto latino, achado no convento de S. Bento, do Rio de Janeiro; e é pouco mais ou menos como a vamos contar.

Nunca, desde a sua primitiva colonisação, a provincia de S. Paulo esteve exposta a tantos motins e alborotos, como quando os Ramalhos e os Pinheiros, as duas mais poderosas familias do paiz, abrazavam tudo com suas discordias e malquerenças particulares. Não se fallava n'outra cousa senão em ataques contra as pessoas e as propriedades; e nenhum individuo de qualquer dos dois bandos era tão imprudente que se aventurasse a andar, quer de dia, quer de noite, sem ir armado dos pés á cabeça, e escoltado por muitos escravos, semelhantemente munidos de armas defensivas. Ambas estas familias disputavam preferencia de valimento e antiguidade, porque ambas datavam dos primeiros tempos da colonia. O cabeça da primeira era o filho de João Ramalho, que os missionarios acharam já estabelecido na planicie de Piratininga, e que em 1553 fôra nomeado alcaide mór da Villa de St.^o André. O principal dos Pinheiros jactava-se, pela sua parte, de que seu pae erguera apoz os missionarios a primeira casa em S. Paulo. Ambos tinham de mulheres indias numerosa posteridade; ambos tinham passado os seus annos viris em correrias pelo matto; ambos, finalmente, tinham ajunctado riquezas eguaes, em ouro, em diamantes, em escravatura.

Bem grave, e bem antiga devia ser a causa que motivára o rancor implacavel dos dois velhos, porque sempre resistiram inflexiveis a quantas tentativas se fizeram para os conciliar. — "*A arvore do esquecimento não póde crescer em chão regado com sangue.*" — Era este proverbio, tomado dos indios, a sua unica resposta a todas as propostas de paz. Igual de parte a parte devia ser, segundo as leis da vingança, a conta dos assassinados; mas parece que os Ramalhos, neste ponto, deviam não pouco aos seus adversarios. Nos primeiros annos de uma colonia é raro que os habitantes se não vinculem pelos laços do sangue: por tanto, os de S. Paulo estavam mais ou menos ligados a qualquer das duas familias, de fórma que a povoação, dividida em dois campos inimigos, mais parecia um bando de tapuias que uma associação de christãos.

A auctoridade civil via baldado o trabalho que tomava, para reprimir taes furores e discordias intestinas. Querendo o governador, n'um accesso d'energia, mandar enforcar um dos Pinheiros, apanhado em flagrante delicto de assassinio, os parentes do réu, pegando em armas, o arrancaram ao supplicio; e por dois dias se viu o governador cercado na propria casa, onde teria de morrer á fome se não fosse uma escrava velha que lhe passou escondidamente algum alimento. O bispo, pela sua parte, de boamente fulminaria excommunhões contra os fautores dos motins: estava porém certissimo do nenhum effeito das armas da igreja contra taes impios, ainda que qualquer delles, se lhe chamassem hereje, não hesitaria em responder com uma bem medida punhalada.

Chegou todavia o mal a tamanha extremidade que foi mister procurar-lhe a todo o custo remedio. O me-

lhor expediente, que o governador achou, foi aproveitar a acerrima propensão que os dois bandos tinham para aventuras ousadas, e propor-lhes, e facilitar-lhes expedições pelo sertão; esperando assim que ao menos os mais turbulentos não tornariam a pôr pé em S. Paulo. Firme neste proposito, encarregou de fazer as propostas aos cabeças das duas familias, um religioso, geralmente respeitado por suas virtudes, o padre Raphael de Macedo, companheiro que foi do venerando missionario Anchieta nos ultimos trabalhos deste para a conversão das tribus indias. Comtudo o manuscripto não dizia que o padre possuísse como seu companheiro o dom prophético, nem o de comprehender a linguagem das aves, e menos ainda a faculdade de estar tres quartos d'hora debaixo d'agua resando tranquillamente no breviario: elogiava porém o seu zelo infatigavel pela conversão dos indigenas. Contava que apanhado, uma vez, por estes, o padre Macedo vira dois companheiros seus, amarrados a troncos, expirar ás frechadas, e que elle escapára por um capricho dos selvagens, soffrendo apenas alguns mezes de captiveiro, durante os quaes levou a cabo milagrosas mudanças nos costumes dos barbaros.

Encetou este veneravel sacerdote a negociação com os dois contendores, que foi longa, e por vezes esteve a pontos de falhar. Depois de amudadas conferencias, a final a eloquencia do padre alcançou persuadir o que queria aos dois velhos, os quaes estavam suspeitosos d'alguma occulta perfidia do governador. Juraram ambos solemnemente suspenderem todas e quaesque hostilidades até a partida e ainda até a volta das duas expedições. Regulada a tregua, foi tirado á sorte o caminho que cada uma devia tomar; porque para evitar conflictos no deserto, uma devia seguir para oeste em quanto a outra caminhava ao norte, sem se desviarem das respectivas direcções até uma distancia que lhes era marcada. A primeira, além disto, obrigava-se, sob pena d'excommunhão, a respeitar os indios das Missões, que fortuitamente encontrassem; esta coube em sorte aos Ramalhos.

A povoação de S. Paulo respirou quando o padre Macedo annunciou que tudo estava arranjado. Em um mez que duraram os preparativos da jornada, nem se ouviu fallar de homicidios, nem de invasões das propriedades. Os Ramalhos apromptaram setenta e cinco homens, e os Pinheiros quasi oitenta; estes ultimos iam ás ordens d'um sobrinho do cabeça da familia, e é o unico de quem pela chronica se sabe o nome; chamava-se José Manuel Cabral.

Com poucos dias de differença, os dois ranchos saíram de S. Paulo. Os Ramalhos embarcaram nas margens do Tiete, que corre a distancia d'algumas leguas da cidade, em um sitio então deshabitado, provavelmente onde hoje existe o logarejo de Porto Feliz. Pelo rio abaixo em breve tempo chegaram ao Parana, aonde aquelle vem desaguar; e ahi começavam os incognitos descampados, pelos quaes tinham d'embrenhar-se. Pelo outro lado, os Pinheiros pozeram-se a caminho por terra, dirigindo-se para o vasto territorio, que é hoje a provincia de Minas.

O socego que se ficou desfructando em S. Paulo, depois da partida dos aventureiros, foi sufficiente testemunho da sagacidade do governador. Decorreram mezes, e nenhuma nova do sertão chegava aos ouvidos dos que esperavam o resultado das expedições: era porém cousa trivial em casos taes, e por isso a ninguem dava cuidados. Mas passou um anno, depois quinze mezes, depois dezoito; e o caso já se ía fazendo grave: morreriam os expedicionarios sem sobreviver um só que viesse trazer a noticia?.. O ouro, sobretudo, o ouro, que infallivelmente haviam de achar, perder-se-ia para sempre?.. Começaram a girar rumores va-

gos por toda a parte, e a ganhar credito nos animos. Ora se dizia que lá ao longe, bem pela terra dentro, se viram em mãos de barbaros indios despojos que mostravam terem sido de brancos; ora se divulgava um sonho terrivel que tivera um frade, e que evidentemente se applicava ás duas expedições: por fim aconteceu um milagre publico, que horrorisou os mais intrepidados. Uns negros, que estavam á noite cantando, segundo o uso do paiz, suas jaculatorias, defronte d'um nicho de N. Senhora, no recanto d'uma rua, viram a sagrada imagem mudar por vezes de côr, e a final debulhar-se em lagrimas: toda a cidade concorreu a admirar este prodigio, que durou obra de meia hora.

Á proporção que estes boatos tomavam pé, o rancor dos dois partidos resuscitava mais violento do que nunca: já não largavam as armas, que as mais das vezes lhes esqueciam, desde que seus parentes se tinham ausentado. No entretanto um Pinheiro feriu com uma estocada a um dos Ramalhos, na rua, e por via d'uma disputa. Desde então as duas familias desenfreadam-se, mais açodadas que em tempo algum, na sua mutua destruição.

Tres annos eram passados, e já toda a esperança se perdêra de tornar a ver os ausentes, quando quasi ao cerrar d'um desses formosos dias, que só debaixo dos tropicos se desfructam; no momento em que o sol ia desaparecendo por detraz do cortinado de coqueiros, que guarneciam a assomada da serra de Mantiqueira, uma canoa india abordou na margem meridional do Tiete, no mesmo sitio onde os Ramalhos tanto tempo havia que tinham embarcado. No fundo da embarcação jazia estendido um homem, na apparencia prostrado pela doença, e que pelo carão bronzeado, e quasi completa nudez, indicaria ser um indio, se não fossem alguns farrapos que lhe cobriam o corpo, e a comprida barba, que manifestavam claramente a sua ascendencia em parte europea. Quando a canoa esbarrou em terra, o abalo pareceu torna-lo a si; ergueu a custo a cabeça, e dirigiu algumas palavras aos indios que o transportavam. Com a resposta destes deu mostras de recobrar subitamente as forças, saltou fóra da canoa, ajoelhou, e beijou a terra, desfazendo-se em pranto, até que desfaleceu, e caiu sem acordo. Apenas tornado a si os indios o pozeram n'uma maca suspensa entre duas arvores, e se foram cada um para seu lado, em demanda d'alguma caça ou de peixe para o arranjo da ceia. Este rancho pequeno mostrava querer passar a noite naquelle descampado.

No dia immediato a este acontecimento, na apparencia tão insignificante, uma subitanea e extraordinaria agitação se via entre os moradores de S. Paulo. (Concluir-se-ha.)

A RESPOSTA VERDADEIRA.

O MARQUEZ de Fronteira e o de Tavora, que ambos aspiravam ao valimento do senhor rei D. Pedro 2.º... estando conversando a uma janella das que caíam para o terreiro do pago, veio por detraz o dicto senhor, e pondo-lhes as mãos sobre os hombros, lhes perguntou: = Em que discorrem os marquezes? = O de Tavora que era prompto e vivo lhe respondeu: = Estamos, senhor, vendo como nos havemos de enganar um ao outro, e ambos a V. Magestade = [e o peor é que dizia verdade!] — *D. Luiz da Cunha. Carta ao príncipe D. José.*

Aleitura. — É de grandissima importancia um sistema judicioso seguido na leitura. Quem pertende tirar proveito do trabalho mental d'outras pessoas ha-

de observar duas cousas: — não ler muito e de corrida; prestar attenção ao que lê. Muita gente lê com o determinado fim de *matar o tempo*: esta gente engana-se; *mata o espirito*. Livros ha que são como os desenjoativos d'uma lauta mesa: mas livre-nos Deus de quem só destas golosinas se apraz. Só depois de tomado o alimento substancial convém entreter o paladar com as sobremesas. —

Receita para que o leite não azede. — No tempo dos grandes calores costuma o leite azedar frequentes vezes com grande prejuizo dos donos de gados e dos lavradores. Quando o leite azeda, desinvolve-se neste liquido um acido, o qual póde ser saturado á proporção que se vae formando, sem ser preciso mais do que junctar a cada tres quartilhos de leite cousa de dezenove grãos de bicarbonato de soda; addição esta que não dá máu gosto ao leite, e favorece muito a digestão.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Outubro. 7.

1748 — Assigna-se o tractado de Aix-la chapelle.

8

1820 — O rei preto de Haiti, Christovam, se assassinou no seu palacio temendo cair nas mãos dos inimigos.

9

1261 — Nasce em Lisboa, nos paços de Alcaçova, o infante D. Diniz, filho de D. Affonso 3.º, e depois rei de Portugal. Foi o primeiro rei portuguez que nasceu em Lisboa.

1831 — É assassinado Capo-d'Istria presidente do governo da Grecia.

10

1577 — Morte da infante D. Maria, filha d'elrei D. Manuel, assaz celebre pelos dotes do seu espirito, e pela protecção que concedeu ás letras, e pelos louvores que mereceu dos homens mais illustres do seu tempo.

11

1531 — Zwinglio, o reformador religioso da Suissa, é morto na batalha de Cappel. Vide o N.º 44 do Panorama, a pag. 69.

1814 — É elevado á cathogoria de reino o electorado de Hanover.

12

1492 — Colombo desembarca na ilha de S. Salvador [Guanahani] que foi a primeira terra que se descobriu no novo-mundo.

1600 — Morte do celebre jesuita Molina, hespanhol de nascimento, mas que estudou e ensinou nas universidades de Coimbra e Evora.

13

1666 — Fallece em Lisboa o nosso illustre escriptor D. Francisco Manuel de Mello. No mesmo dia morreram mais tres homens igualmente celebres: o philosopho Mallebranche [1715]; o esculptor Canova [1822]; e o poeta Monti [1828].

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.